

O período Monárquico na História de São Francisco do Sul: abismos de silêncios¹

The Monarchic period in the History of São Francisco do Sul: abyss of silences

Lihla Zaslavsky Gomes²

Resumo: O presente texto visa tratar da história de São Francisco do Sul no século XIX. Partindo de uma breve análise do texto sobre a história da cidade presente no site da Prefeitura de São Francisco do Sul, utilizado como documento de narrativa da história oficial, fazemos uma crítica à pobreza de informações presentes no texto. Em seguida, buscando preencher as lacunas identificadas, apresentamos um levantamento bibliográfico sobre a história da cidade no período, demonstrando que é possível contar a história de São Francisco do Sul de forma mais aprofundada e sem silenciar frente a temáticas de grande relevância.

Palavras-chave: São Francisco do Sul; Século XIX; Silêncios; História oficial.

Abstract: The present text aims to deal with the history of São Francisco do Sul in the 19th century. Starting from a brief analysis of the text about the city's history present in the São Francisco do Sul City Hall website, used as a narrative document of the official history, we criticize the poverty of information present in the text. Then, in an attempt to fill in the gaps identified, we make a bibliographical survey about the history of the city in the period, demonstrating that it is possible to tell the history of São Francisco do Sul in a deeper way and without silencing in the face of highly relevant themes.

Keywords: São Francisco do Sul; 19th century; Silences; Official history.

Introdução

A cidade de São Francisco do Sul é hoje um importante ponto turístico no litoral catarinense. Para além de suas belas praias, a cidade tem a fama de ser um importante polo histórico do estado, apresentando diversos museus e um belo centro histórico, onde as narrativas podem ser memoradas. Mas qual será a história que se conta ali? Quem são seus personagens? Quem e o que foi retirado dessa história? O que se busca lembrar e o que se busca esquecer acerca desta cidade tão relevante no turismo catarinense? Esses e outros questionamentos serão centrais se quisermos entender um pouco mais sobre a história de São Francisco do Sul.

O presente artigo busca focalizar a memória e a história de São Francisco do Sul, especialmente ao longo do século XIX. Para isso, iniciaremos com uma análise de qual é a história oficial da cidade, tratada principalmente no site da prefeitura de São Francisco do Sul

¹ Artigo realizado para a disciplina de História do Brasil Monárquico, do curso de História da UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. Prof.a Beatriz Gallotti Mamigonian. Florianópolis, 2021.

² Graduanda de História pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: lihlazgomes@gmail.com

e em alguns artigos turísticos. A partir daí, observaremos quem são os personagens destacados desta história, percebendo seu objetivo e seu conteúdo, para então analisar o que não é abordado nesta narrativa oficial, que personagens e acontecimentos são deixados de lado, não figurando na propaganda turística sobre a cidade de São Francisco do Sul.

História Oficial

Para entendermos melhor os contrastes e problemas da narrativa sobre a história de São Francisco do Sul no século XIX, parece por bem nos determos algum tempo na análise da História Oficial contada sobre a cidade, nos atentando para o que é reforçado e, principalmente, para o que não é dito. Poderíamos escolher uma diversidade de materiais para consultar como fonte para nossa História Oficial de São Francisco do Sul. Sendo uma cidade turística, é evidente a proliferação de artigos em sites de turismo, onde se dedica um ou dois parágrafos à história da cidade³. Além disso, o próprio verbete da Wikipédia sobre a cidade⁴ poderia ser uma boa fonte, porém observamos que este parece bastante mais recheado de informações que as outras fontes, de forma que poderia prejudicar nossa análise.

Assim, nos parece mais prudente a utilização do artigo sobre a história da cidade presente no site da Prefeitura de São Francisco do Sul⁵, reproduzido a seguir:

Berço da cultura catarinense, São Francisco do Sul era habitada desde tempos imemoriais por povos denominados “Sambaquianos”, que viviam adaptados ao ambiente estuarino. Depois a região foi dominada pelos ameríndios de etnia tupi-guarani, apelidados pelos colonizadores de “carijós” no litoral sul e parte do sudeste.

O primeiro relato da chegada de um navegador europeu é datado de 5 de janeiro de 1504, com a expedição do navegador francês Binot Paulmier de Gonneville a bordo do veleiro *L'Espoir*. O povoamento efetivo só aconteceu em 1658, a partir da vinda do vicentista Manoel Lourenço de Andrade, que trouxe famílias, agregados e escravos. Assim, em 1660 o povoado foi elevado à categoria de vila e, posteriormente, em 1665, tornou-se paróquia. A cidade, então, foi fundada pela Lei 249 de 15 de abril de 1847 (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO DO SUL, 2022).

³ DIAS, Nicole. **São Francisco do Sul**: o que fazer na cidade mais antiga de Santa Catarina. Viajali, 02 de dez. de 2020. Disponível em: <https://www.viajali.com.br/sao-francisco-do-sul/>. Acesso em: 21 de fev. de 2022.

LIMA, Sergio da Silva. Você Sabia? Que São Francisco do Sul, em Santa Catarina, é a terceira cidade mais antiga do Brasil. **VidaBrasilTexas**, 16 de abr. de 2021. Disponível em: <https://vidabrasiltexas.com.br/voce-sabia-que-sao-francisco-do-sul-e-a-terceira-mais-antiga-cidade-do-brasil/>. Acesso em: 06 de dez. de 2021.

⁴ SÃO FRANCISCO DO SUL. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=S%C3%A3o_Francisco_do_Sul&oldid=62122814. Acesso em: 06 dez. 2021.

⁵ SÃO FRANCISCO DO SUL, Prefeitura Municipal de. A cidade. História. Disponível em: <https://www.saofranciscodosul.sc.gov.br/historia>. Acesso em: 21 de fev. de 2022.

A primeira coisa que é possível perceber, ao analisar o texto onde se encontra no site da Prefeitura, é a ausência de qualquer informação acerca da autoria e da datação do mesmo. Para conseguir essa informação, ligamos para o contato da Prefeitura disponível no site, onde aguardamos por 20 minutos até a ligação cair. Numa segunda tentativa, conseguimos ser encaminhados para o setor de informática, que nos informou que deveríamos entrar em contato com a Secretaria de Comunicação, que por sua vez nos encaminhou para a Fundação Cultural da Ilha de São Francisco do Sul. Por fim, a Fundação Cultural instruiu-nos a entrar em contato com a Assessoria de Imprensa da Prefeitura, que seria a responsável pelo site da prefeitura de São Francisco do Sul.

Após uma considerável troca de e-mails com a Assessoria de Imprensa da Prefeitura de São Francisco do Sul, conseguimos algumas informações. A primeira, acerca da datação do texto no site, apenas puderam nos dizer que é anterior à gestão iniciada em 2013, o que não nos diz muito, além do fato de que não houve interesse, pela atual gestão, em modificar o texto. Sobre a autoria, também não conseguimos uma informação precisa, mas sabemos que o conteúdo do site é produzido pela Gerência de Comunicação da Prefeitura (GECOM), ligada à Assessoria de Imprensa que, por sua vez, é vinculada à Secretaria de Governo, tendo, portanto, um objetivo político com a sua mensagem.

Ainda, no que diz respeito ao contexto em que o pequeno texto se encontra no site da Prefeitura, percebemos que é numa seção sobre a cidade como um todo, junto com as seções *Ambiente*, *Calendário de Eventos*, *Cultura*, *Economia* e *Símbolos*, se configurando assim como uma das seções do site mais acessíveis ao público, apresentando textos curtos e objetivos sobre cada um dos tópicos. Dessa forma, nos parece que o texto faz, em grande medida, uma propaganda objetiva da cidade, apesar de não centralmente voltada ao turismo, uma vez que este se encontra mais especificamente em outra seção do site.

Agora que já contextualizamos, de forma geral, nosso documento sobre a História de São Francisco do Sul, se faz necessária a reflexão acerca do conteúdo apresentado. Inicialmente, é interessante percebermos a presença indígena sendo reconhecida e ganhando, proporcionalmente, um espaço considerável na apresentação da história da cidade, especialmente os “povos do sambaqui”, que já fazem parte da cultura do estado como um todo, e os carijós. Não nos deteremos tanto nesta parte do texto visto que não faz parte do recorte proposto, mas é de extrema importância notar a existência destes personagens e perceber como são tratados no seguimento de nossa história.

Poderíamos dizer que a narrativa mais central acerca da história inicial de São Francisco do Sul é a ideia de ser “a cidade mais antiga do estado” ou “a terceira cidade mais antiga do país”. Esses dados dizem respeito à chegada de expedições europeias no litoral catarinense, aportando em São Francisco do Sul, em especial a do navegador francês *Binot Paulmier de Gonneville*, em 1504, como exposto no texto. Em seguida, tudo que nos resta são as elevações de categoria da região, com seu povoamento em 1658 a partir desta figura do bandeirante Manoel Lourenço de Andrade, quando temos a única menção à população de escravizados, tornando-se vila em 1660, paróquia em 1665 e, finalmente, cidade em 1847.

Como vemos, o que chama a atenção no pequeno texto da história da cidade no site da Prefeitura de São Francisco do Sul é justamente sua pobreza em conteúdo, nos fornecendo poucos elementos para uma reflexão mais profunda. O que temos é uma sucessão de categorias, que nem ao menos mereceram uma explicação ou contexto. De todo o modo, é interessante tentarmos analisar com mais calma o que poderíamos entender como o ramo histórico do texto, nos parecendo um fragmento de história bastante tradicional, lembrando a própria tradição histórica iluminista, onde vemos um saudosismo dos “conquistadores” europeus e dos “desbravadores” bandeirantes e um apagamento, após sua aparição inicial, dos indígenas originais da região, uma narrativa heroica da “civilização” e do progresso do “homem branco” na construção do Estado.

Nesse sentido, Kaori Kodama (2010) nos traz reflexões importantes em seu texto *Os estudos etnográficos no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1840-1860): história, viagens e questão indígena*⁶. A discussão de Kodama (2010) diz respeito justamente a essa história se estabelecendo enquanto disciplina no Brasil, produzida pelo IHGB em meados do século XIX, herdeira da tradição iluminista, mas que parece ainda tão presente no texto da história da cidade no site da Prefeitura. Assim, a autora (2010) chama de perspectiva “decadentista”, essa abordagem que trata da forma como os indígenas teriam “desaparecido” na história do país, de forma similar ao que vemos no texto sobre São Francisco do Sul no site da Prefeitura, onde as populações originárias fazem sua aparição inicial para depois simplesmente sumirem dos 500 anos restantes.

Nos parece estranho pensar que justamente “a cidade mais antiga do estado” tenha tão pouca história a nos contar, não sendo destacado nenhum acontecimento relevante entre 1665 e 1847 e daí até o presente. Será possível que nada de relevante aconteceu na cidade de São

⁶ KODAMA, Kaori. 2010. p. 253-272.

Francisco do Sul durante todo este tempo? E os africanos escravizados, o que fizeram? Onde ficaram? Como São Francisco do Sul cresceu economicamente ao longo dos anos? Como era a relação com a futura cidade de Joinville, ao norte? E os povos indígenas? Como evoluiu a organização institucional e jurídica da cidade, para além da simples mudança de categoria? Como a cidade se tornou o polo turístico que vemos hoje? Será que não existem meios de contar essa história? Como pode uma cidade passar tanto tempo de sua história em silêncio? Serão estas e outras questões que, a partir daqui, buscaremos responder ou, pelo menos, apontar caminhos para que essas respostas possam ser buscadas.

Explorando os silêncios

O importante de pontuarmos aqui, frente à pobreza de informações que pudemos encontrar no texto do site da prefeitura, é a existência real das mesmas, presentes em diversos artigos, teses, dissertações e livros acadêmicos ou não, que visam desvendar um pouco mais da história da cidade de São Francisco do Sul, especialmente no século XIX, foco do presente estudo. Sendo assim, no seguimento de nosso trabalho, pretendemos apontar alguns caminhos possíveis para a busca dessas informações, apresentando brevemente as contribuições de alguns trabalhos aos quais tivemos acesso e devem nos ajudar a observar o que aconteceu nesse longo período de silêncio da história oficial sobre a cidade de São Francisco do Sul.

Para iniciarmos nossa busca, achamos por bem buscar contextualizar o pouco que já sabíamos sobre a história da cidade, utilizando assim textos e obras mais panorâmicas que pudessem nos abastecer com uma noção geral do histórico da cidade. Inicialmente, recorreremos às Enciclopédias dos Municípios Brasileiros, publicadas pelo IBGE entre a década de 50 e de 60. Nas linhas que se seguem apontaremos o que conseguimos encontrar acerca da história de São Francisco do Sul no período monárquico, nos volumes X, XI e XXXII da coleção.

Do volume X da Enciclopédia dos Municípios Brasileiro⁷, tiramos principalmente informações gerais sobre a importância do porto de São Francisco do Sul, principalmente na exportação de madeira, em meados do século XX, época da publicação dos volumes. O que nos dá pistas sobre o desenvolvimento econômico da cidade, mas não diz respeito a nosso objetivo, ou seja, o século XIX na cidade. No volume XI da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros⁸, encontramos passagens pistas sobre a construção de estradas de ferro passando por Joinville e

⁷ CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA E CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (Brasil). 1958. 554 p.

⁸ CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA E CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (Brasil). 1960. 431 p.

São Francisco do Sul, que nos parece uma temática frutífera para explorar em seguida, por estas terem sido construídas nos séculos XIX e XX.

É no volume XXXII da coleção da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros⁹, contudo, que realmente encontramos algumas pistas importante para a nossa busca. Primeiramente, chegamos à informação de que as histórias de Joinville e São Francisco do Sul estariam muito mais unidas do que imaginamos, tendo São Francisco Xavier de Joinville (atual Joinville) se desmembrado de São Francisco do Sul apenas no final do século XIX. Infelizmente, dada a limitação do presente artigo, não teremos como explorar a temática com a devida profundidade, que mereceria uma nova pesquisa por si só.

De toda forma, é importante notarmos, pensando no estudo da memória de São Francisco do Sul, o curioso fato de que algo tão relevante como o desmembramento de Joinville, uma região bastante importante no país no período, é deixado de lado. Ainda, é relevante percebermos como a história de ambas as regiões, desmembradas apenas por volta de 1866, não pode ser desvinculada, como vem sendo pela grande maioria das narrativas históricas, pois estiveram, por um longo período de formação, unidas social, econômica e politicamente, sendo o próprio desmembramento de Joinville, portanto, fato relevante a história de São Francisco do Sul.

Além disso, encontramos no texto sobre a cidade em si, algumas indicações importantes, em especial o destaque sobre a importância do trabalho de africanos escravizados, sendo estes apontados como responsáveis, em grande medida, pelo crescimento econômico que o município experienciou ao longo do período monárquico, principalmente pelo trabalho nas lavouras, enviando principalmente arroz, farinha de mandioca e açúcar para abastecer outras partes do país. Infelizmente, pelo que observamos, não é possível determinar com certeza a autoria do verbete em questão.

Ainda neste volume, novamente sobre os escravizados, vemos possíveis indicações de que estes teriam sido libertados em uma abolição gradual e individualizada, sem conflitos com seus senhores ao longo da década de 1880, o que teria levado o município a uma crise econômica que se estenderia até 1905, quando a República geraria novas energias de renovação e a expansão das estradas de ferro ligaria o município a diversas outras partes. Além disso, chegamos à informação de que o nome São Francisco do Sul só seria adotado por decreto em 1943, sendo a cidade desde 1660 denominada Nossa Senhora da Graça do Rio São Francisco

⁹ CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA E CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (Brasil). 1959. 418 p.

ou Nossa Senhora da Graça do Rio São Francisco do Sul. Como pudemos perceber, muitas das informações encontradas merecem aprofundamentos para sua melhor compreensão. No seguimento do presente texto buscaremos apontar direções para esses aprofundamentos.

Ainda no que diz respeito a panoramas sobre a história de São Francisco do Sul, ou Nossa Senhora da Graça do Rio São Francisco do Sul, não poderíamos deixar de mencionar a obra *História de São Francisco do Sul* (2004), de Carlos da Costa Pereira¹⁰. O historiador local, que viveu e estudou a região entre os séculos XIX e XX e fez parte do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, traz em sua obra uma grande síntese do histórico da cidade, desde a chegada da expedição de *Gonneville*, mencionada também em nossa fonte de história oficial, até o início do século XX, abordando de passagem diversas facetas da cidade e trazendo diversas fontes primárias, como mapas, notícias de jornais, testamentos, cartas, inventários, termos de vereança e atas da Câmara de São Francisco do Sul, o que nos foi de grande valor para aprofundar a análise.

Sobre o século XIX, em especial, o autor (2004) trata, entre outras temáticas, da produção crescente de farinha de mandioca, escoada pelo cada vez mais central porto de São Francisco do Sul, dos impostos e preços de produtos, da história da educação na cidade, com a abertura da primeira escola de primeiras letras por Manoel Joaquim Pinheiro em 1829, da construção e reconstrução da Igreja Matriz da cidade e da sua história religiosa, da fundação do Hospital de Caridade em 1859 e da história da saúde e da doença na cidade, do estabelecimento do serviço postal e da história administrativa da cidade.

Ainda, vale aqui destacar que as páginas que tratam do período entre os séculos XVI e XIX, de profundo silêncio na história oficial da Prefeitura de São Francisco do Sul, são aqui abordadas de forma bastante satisfatória e aprofundada. Apesar de inscrito em uma historiografia já um tanto quanto ultrapassada, sendo um documento histórico por si só, o livro (2004) não deixa de ser uma síntese bastante rica da história de São Francisco do Sul entre os séculos XVI e XX, não devendo, assim, ser ignorado por qualquer um que busque pesquisar e entender melhor a história da região.

Para buscar esclarecer algumas das múltiplas questões levantadas até agora, adentramos o texto *A Estrada Dona Francisca na Formação Econômica de Santa Catarina* (2014), de Alcides Goularti Filho¹¹, que discute a construção da Estrada que liga São Francisco do Sul à Rio Negro, passando por Joinville, Rio Negrinho e São Bento do Sul, tratando da região entre

¹⁰ PEREIRA, Carlos da Costa, 2004.

¹¹ GOULARTI FILHO, Alcides. 2014. p. 171-196.

1851, com a fundação da Colônia Dona Francisca, e a conclusão das obras da linha São Francisco em 1913. Assim, entendemos ainda mais a centralidade que a região de Joinville teve no período, em termos de colonização estrangeira do espaço, gerando a necessidade de ligação pela estrada férrea, no intenso processo de modernização do período.

A dissertação de mestrado de Denize Aparecida da Silva (2004), intitulada *Plantadores de Raiz: escravidão e compadrio nas freguesias de Nossa Senhora da Graça de São Francisco do Sul e de São Francisco Xavier de Joinville*¹², parece outro texto que pode contribuir para nossa compreensão da história da cidade. O texto explora a construção de laços relacionais entre os cativos das regiões em questão, com especial destaque para o compadrio. Assim, a dissertação nos é de grande valor também por contribuir com nossas reflexões acerca da relação entre as duas, na época, freguesias, que tinham como características comuns as pequenas escravarias de maioria crioula e a economia de abastecimento.

O texto de Fernanda Borba e Dione Bandeira (2013) intitulado *Estudos históricos e arqueológicos sobre a escravidão no Saí*¹³ contribui para preencher mais algumas lacunas sobre a escravidão em São Francisco do Sul, em especial entre os anos de 1648 e 1888, na região do Saí, porção continental do município. A partir de coleções arqueológicas, trabalhos historiográficos, relatos de viajantes, documentos oficiais, mapas, fotografias e depoimentos, as autoras desenham a chegada dos escravizados na cidade, principalmente para trabalharem nos engenhos e lavouras, na produção de farinha de mandioca, açúcar de cana, arroz, feijão, aguardente e gravatá.

Em outro artigo, intitulado *Escravos na Vila de São Francisco do Sul no período oitocentista*¹⁴, Fernanda Borba e Dione Bandeira (2013) exploram principalmente as funções, famílias e espaços dos escravizados nas fazendas agrícolas da região, a partir da análise das antigas propriedades, de coleções arqueológicas, documentos oficiais, jornais, mapas, fotografias e depoimentos orais. As autoras demonstram como a população escravizada teve papel ativo na construção da cultura local, traçando também comentários sobre as formas de relações sociais estabelecidas entre os escravizados, que veem como bastante variada. O foco é na metade final do século, quando do aumento da demanda das áreas agroexportadoras do Sudeste e do mercado interno da região, num processo intenso de formação de uma elite mercantil senhorial exportadora e de intenso crescimento populacional.

¹² SILVA, Denize Aparecida da. 2004. 121 p.

¹³ BORBA, Fernanda Mara, 2013. p. 95-108.

¹⁴ BORBA, Fernanda Mara, 2013. p. 117-140.

De grande valor também nos deve ser a dissertação de mestrado de Fernanda Borba (2013), cujo título é *Arqueologia da escravidão numa vila litorânea: vestígios negros em fazendas oitocentistas de São Francisco do Sul (Santa Catarina)*¹⁵. A autora destaca novamente a importância do trabalho escravo nas lavouras da região, além de observar sua contribuição cultural. Com base em documentos oficiais, jornais, fotografias, documentos orais, mapas e, principalmente, uma coleção arqueológica, a autora (2013) busca preencher as lacunas acerca do cotidiano dessas populações escravizadas, observando suas moradias simples e a diferenciada cultura material.

A partir dos trabalhos supracitados de Fernanda Borba e Dione Bandeira (2013), podemos estabelecer aqui alguns comentários gerais sobre a realidade da escravidão na região no século XIX. Para além da centralidade do trabalho dos escravizados nas lavouras e engenhos, em especial na produção de farinha de mandioca, que levaria ao crescimento econômico da região e à centralidade de seu porto para escoamento da mercadoria, descobrimos que as famílias escravizadas costumavam morar em pequenas casas de planta simplificada, não em barracões como muitas vezes imaginamos, podendo mesmo conviver de forma próxima com os senhores. Assim, antes de 1850 os cativos costumavam trabalhar, ao contrário do que muitas vezes esperamos, para pequenos proprietários de terras, contudo, com o processo que antes chamamos de *formação de uma elite mercantil senhorial exportadora*, passou-se a uma predominância dos grandes senhores de terras, que muitas vezes moravam na ilha de São Francisco, mas mantinham o grosso de seus trabalhadores e terras no Saí.

Outra contribuição importante para pensar a história de São Francisco do Sul, especialmente a partir da arqueologia, é o livro organizado por Dione Bandeira, Fernanda Borba e Maria Alves (2017), intitulado *Patrimônio Cultural de São Francisco do Sul com base na pesquisa em Arqueologia Histórica*¹⁶. Apresentando-se como um passo posterior às pesquisas que até agora viemos acompanhando acerca da contribuição da cultura material arqueológica no preenchimento das lacunas históricas sobre a região, o livro explora alguns dos principais sítios arqueológicos da região, narrando, a partir destes, a história cultural da Baía da Babitonga, em especial de São Francisco do Sul. Além de algumas contribuições metodológicas, a obra foca em diversos grupos humanos, com destaque para a presença africana e afrodescendente, mas abordando também pescadores, farinheiros e outros personagens da rica história da região

¹⁵ BORBA, Fernanda Mara. 2013. p. 201.

¹⁶ BANDEIRA, Dione da Rocha. 2017. 239p.

Mudando um pouco nosso foco para uma análise mais voltada para a classe dominante e o poder, temos a dissertação de Rogério Pereira da Cunha (2011), intitulada *Juízes, policiais e administradores: elites locais, juízo municipal e centralização provincial na formação do Estado no Brasil - São Francisco do Sul, província de Santa Catarina (1832-1850)*¹⁷. O texto busca explorar a formação do Estado brasileiro no século XIX a partir de São Francisco do Sul, outro tema que ainda não tínhamos tido a oportunidade de explorar, estudando especialmente a organização do judiciário e a forma como o Juiz Municipal passou a subordinar-se ao poder provincial. A base documental do trabalho consiste de Relatórios de Presidente de Província, ofícios do Juiz Municipal de São Francisco do Sul, atas da Câmara de São Francisco do Sul, o Código do Processo Criminal e sua reforma, entre outras fontes, com base no que o autor (2011) observa uma crescente perda de autonomia para às autoridades da Província, destacando o papel do Juiz Municipal no processo de centralização política local.

O artigo *Os crimes do capitão-mor de São Francisco do Sul Domingos Francisco Francisques, vulgo “Cabecinha”*¹⁸, de Fernando Hinsching, Rafael Nogueira e Ian Pogan (2019), também é um material interessante, principalmente para entender a terrível figura que foi “Cabecinha”, além de contribuir para nossa compreensão da função de capitão-mor na região, em seguimento ao estudo das figuras de poder que iniciamos com Rogério da Cunha (2011). Apesar de anterior ao século XIX, foco do presente estudo, “Cabecinha” tem papel central na memória da cidade, sendo, portanto, impossível a conclusão deste trabalho sem, ao menos, citá-lo.

Isso se deve a toda a mitologia local criada em torno das prováveis atrocidades que “Cabecinha” teria cometido em São Francisco do Sul no século XVIII, que vão desde sua postura extremamente autoritária, abusiva e tirânica, até seus crimes mais hediondos como o sequestro do vigário Frei Fernando, os homicídios de Matheus Afonso e Pedro Gomes Carvalho e seu envolvimento na morte dos Juízes Miguel Francisco Francisques e João Mor Vieira, além do assassinato de Ana Lamim. Assim, o Capitão-mor se tornou uma figura recheada de mistérios e terror que ainda hoje, como no século XIX, está presente na memória de São Francisco do Sul, como uma lembrança terrível.

Também muito rica é a tese de doutorado de Priscila Henning (2019), intitulada *O Espetáculo do Patrimônio: imagem e turismo no centro histórico de São Francisco do Sul -*

¹⁷ CUNHA, Rogério Pereira da. 2011. 189p.

¹⁸ HINSCHING, Fernando; NOGEIRA, Rafael José; POGAN, Ian. 2019. p. 265-295.

SC¹⁹. O trabalho nos ajuda a unir algumas das reflexões que pudemos estabelecer ao longo de nossa exploração, principalmente no que concerne a importância da cultura de São Francisco do Sul e sua relação com o amplo turismo da região, em franca expansão. Em sua análise, a autora (2019) reflete sobre a forma como a história e a cultura se tornam parte do espetáculo do consumo pós-moderno, pensando no processo de tombamento da cidade como patrimônio histórico e suas implicações.

O que Priscila Henning (2019) percebe, focando principalmente no Programa Monumenta em parceria com o Ministério da Cultura e o Banco Interamericano de Desenvolvimento, entre 1996 e 2010, é que, devido a grandeza dos projetos de reurbanização e recuperação da cidade quando do seu tombamento como Patrimônio Histórico, com foco central no comércio e turístico da região, ocorreram diversos impactos sobre a cidade, com muitas das obras que ainda não saíram do papel e prédios que já deveriam estar passando por processos de conservação. Além disso, Henning (2019) observou os próprios impactos desse processo sobre a população tradicional da região, deixada de lado em todos esses projetos e, muitas vezes, chegando mesmo a abandonar a cidade. Assim:

muitos dos limites encontrados pelas intervenções propostas transcendem essa boa vontade e demonstram que, para garantir a conservação do patrimônio, é preciso ir muito além – e talvez até em outra direção – do que programas estratégicos como o Monumenta oferece (HENNING, 2019, p. 333).

Para finalizar nosso já longo comentário sobre a tese de Patrícia Henning (2019), destacamos que a autora não aponta o Projeto Monumenta como o vilão do processo, fazendo, ao contrário, uma interessante reflexão sobre como este reflete um processo muito maior pelo qual a cultura se torna, na atualidade, objeto de consumo, mudando, portanto, sua função para econômica e perdendo, em certa medida, o anterior destaque para a riqueza histórica. Nesse processo, como vimos com a patrimonialização do Centro Histórico de São Francisco do Sul, alguns elementos e realidades ganham mais destaques que outros, como é o caso das 400 edificações urbanas tombadas, que juntas são utilizadas para construir uma narrativa voltada para o turismo na região, muito mais do que funcionar como o documento histórico que a cidade não deixa de ser.

Diferente de tudo que abordamos até aqui, gostaríamos ainda de fazer um breve comentário sobre a colonização da Península do Saí, em meados do século XIX, por socialistas utópicos franceses. Para isso, o artigo de Hoyêdo Nunes Lins (2012), intitulado *Fourierismo no*

¹⁹ HENNING, Priscila. 2019. 351p.

*Brasil meridional: a saga do falanstério do Saí (1841 – 1844)*²⁰, nos foi de grande ajuda. O artigo busca apresentar como foi a trajetória desse processo de colonização do Saí, que hoje faz parte de São Francisco do Sul, pelos socialistas utópicos franceses seguidores de Fourier, que se estendeu entre 1841 e 1844, destacando que desde o início houve muita discórdia em questões econômicas e propriamente sociais.

Segundo Lins (2012), a colônia buscava seguir os princípios da obra de Fourier, construindo no Saí um falanstério (contração de falange e monastério, cunhado pelo Francês), de forma a formar uma civilização utópica de reforma social. Com base em uma documentação produzida pelos participantes da experiência e externa, ligada ou não à administração da Província de São Francisco do Sul, o autor (2012) nos apresenta um pouco do que foi essa experiência tão pouco citada na história de São Francisco do Sul.

Conclusão

Após estas breves páginas de reflexão, fica evidente o quão limitado é nosso conhecimento sobre a histórica cidade de São Francisco do Sul, com foco no século XIX. A riqueza das produções recentes acerca do histórico da região contrasta de forma clara com a ausência de profundidade e os abismos de silêncio presentes no texto do site da Prefeitura, anteriormente analisado. Apesar de apagadas na “história oficial” vimos como as populações escravizadas tiveram papel ativo não só na economia da cidade como também na construção de sua cultura, sendo este um caminho extremamente rico de estudo. Além disso, pudemos começar a vislumbrar múltiplas e diversas temáticas acerca da região, refletindo também sobre sua própria construção e relação com cidades vizinhas no período monárquico.

Ainda, nosso breve estudo nos abriu os olhos para a riqueza documental disponível para a pesquisa da cidade, realidade muito diversa da que, inicialmente, esperamos encontrar. Para além da cultura material arqueológica, cada vez mais estudada e explorada, a documentação oficial sobre o período se apresenta como importante fonte, pensando nos Relatórios de Presidente de Província, Atas da Câmara de São Francisco do Sul, ofícios, mapas, fotografias, entre tantas outras.

Por fim, se podemos tirar alguma conclusão mais geral desta breve pesquisa, esta deveria ser que ainda temos muito a explorar, com diversas fontes e documentação, na busca de compreender um pouco melhor a rica história de São Francisco do Sul, frente a qual a história oficial parece se calar.

²⁰ LINS, H. N. 2012.

Referências bibliográficas:

BANDEIRA, Dione da Rocha; BORBA, Fernanda Mara; ALVES, Maria Cristina (org.). **Patrimônio Cultural de São Francisco do Sul com base na pesquisa em Arqueologia Histórica**. Joinville: Editora Univille, 2017. 239p.

BORBA, Fernanda Mara; BANDEIRA, Dione da Rocha. Estudos históricos e arqueológicos sobre a escravidão no Saí (São Francisco do Sul, Santa Catarina). **Revista Memorare**, v. 1, p. 95-108, 2013.

BORBA, Fernanda Mara; BANDEIRA, Dione da Rocha. Escravos na Vila de São Francisco do Sul (Santa Catarina, Brasil) no período oitocentista: funções desempenhadas, constituição de famílias e habitações construídas. **Revista Latino-Americana de História-UNISINOS**, v. 2, n. 9, p. 117-140, 2013.

BORBA, Fernanda Mara. **Arqueologia da escravidão numa vila litorânea: vestígios negros em fazendas oitocentistas de São Francisco do Sul (Santa Catarina)**. 2013. 201 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Patrimônio Cultural e Sociedade, Universidade da Região de Joinville - Univille, Joinville, 2013.

CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA E CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (Brasil). **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. 554 p. Volume X.

CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA E CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (Brasil). **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1960. 431 p. Volume XI.

CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA E CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (Brasil). **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1959. 418 p. Volume XXXII.

CUNHA, Rogério Pereira da. **Juízes, policiais e administradores: elites locais, juízo municipal e centralização provincial na formação do estado no Brasil-São Francisco do Sul**,

província de Santa Catarina (1832-1850). 2011. 189 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Paraná - UFPR, Curitiba, 2011.

DIAS, Nicole. **São Francisco do Sul**: o que fazer na cidade mais antiga de Santa Catarina. Viajali, 02 de dez. de 2020. Disponível em: <https://www.viajali.com.br/sao-francisco-do-sul/>. Acesso em: 21 de fev. de 2022.

GOULARTI FILHO, Alcides. A estrada dona Francisca na formação econômica de Santa Catarina. **História Revista**, v. 19, n. 1, p. 171-196, 2014.

HENNING, Priscila. **O espetáculo do patrimônio**: imagem e turismo no centro histórico de São Francisco do Sul - SC. 2019. 351 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

HINSCHING, Fernando; NOGEIRA, Rafael José; POGAN, Ian. Os crimes do capitão-mor de São Francisco do Sul Domingos Francisco Francisques, vulgo “Cabecinha”. **Revista NEP-Núcleo de Estudos Paranaenses da UFPR**, v. 5, n. 1, p. 265-295, 2019.

KODAMA, Kaori. Os estudos etnográficos no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1840-1860): história, viagens e questão indígena. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 5, p. 253-272, 2010.

LIMA, Sergio da Silva. Você Sabia? Que São Francisco do Sul, em Santa Catarina, é a terceira cidade mais antiga do Brasil. **VidaBrasilTexas**, 16 de abr. de 2021. Disponível em: <https://vidabrasiltexas.com.br/voce-sabia-que-sao-francisco-do-sul-e-a-terceira-mais-antiga-cidade-do-brasil/>. Acesso em: 21 de fev. de 2022.

LINS, H. N. Fourierismo no Brasil meridional: a saga do falanstério do Saí (1841-1844). **História Econômica & História de Empresas**, v. 13, n. 1, 10 jul. 2012.

PEREIRA, Carlos da Costa. **História de São Francisco do Sul**. 2. Ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

SÃO FRANCISCO DO SUL. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2021. Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=S%C3%A3o_Francisco_do_Sul&oldid=62122814.

Acesso em: 06 dez. 2021.

SÃO FRANCISCO DO SUL, Prefeitura Municipal de. A cidade. História. Disponível em:

<https://www.saofranciscodosul.sc.gov.br/historia>. Acesso em: 22 de fev. de 2022.

SILVA, Denize Aparecida da. **Plantadores de Raiz**: escravidão e compadrio nas freguesias de Nossa Senhora da Graça de São Francisco do Sul e de São Francisco Xavier de Joinville - 1845/1888. 2004. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.